

TEXTO 3

BOAS PRÁTICAS NOS SERVIÇOS DE ACOLHIMENTO

1. CUIDADOS E ROTINA



*“Depois de acordar, mamar
Depois de mamar, sorrir
Depois de sorrir, cantar
Depois de cantar, comer
Depois de comer, brincar
Depois de brincar, pular
Depois de pular, cair
Depois de cair, chorar
Depois de chorar, falar
Depois de falar, correr
Depois de correr, parar
Depois de parar, ninar
Depois de ninar, dormir
Depois de dormir, sonhar.”*

*Sandra Peres, Paulo Tatit e
Edith Derdic*

Neste módulo vamos mergulhar na questão do cuidado com os bebês no cotidiano dos serviços de acolhimento. Como vimos até agora, para se desenvolver bem, os pequenos precisam de muito mais do que bons cuidados com relação à alimentação e à higiene. Mesmo na execução destes cuidados, é necessário que o educador se envolva na tarefa de forma afetiva, e não mecânica. A constância da presença humana é fundamental para o desenvolvimento do bebê. É a partir de suas experiências de cuidado que ele constrói a noção de tempo e de previsibilidade. Tal noção lhe proporciona segurança interna e no mundo, tão importantes nessa fase da vida. A incerteza de não saber o que vai acontecer ou de não saber quem virá, pode ser muito angustiante para o bebê, que necessita de um mínimo de antecipação.

Nos serviços de acolhimento, como são muitos os adultos que se ocupam dos cuidados com o bebê, é essencial que haja **constância e previsibilidade** nesses momentos. Um bebê pode ser cuidado por muitos adultos e mesmo assim **desenvolver confiança e segurança** no mundo. Para tanto, a equipe de profissionais precisa estar alinhada em suas condutas e estabelecer um **plano de trabalho** para cada criança, que deve ser seguido por todos.

É claro que cada educador vai imprimir seu jeito pessoal nos cuidados que oferece, e isso é muito importante, pois a rotina não pode ser rígida e mecânica. O que devemos garantir é que os educadores estejam afinados nas intervenções que realizam. Algo que não deve acontecer, por exemplo, é os educadores de um plantão oferecerem chupeta na hora de dormir e os do outro turno não. Nesse sentido, a **comunicação entre plantões** e as **reuniões de equipe** são fundamentais para a **construção das intervenções com os bebês**.

Os momentos de cuidados básicos como a hora do banho, troca e alimentação, muitas vezes subestimados pelos educadores, são **momentos privilegiados de interação entre o bebê e o adulto cuidador**. Eles proporcionam maior estreitamento do vínculo, já que são permeados pelo toque, pelo olhar, pela palavra e pelo afeto.

O banho, a troca e a hora da alimentação podem ser situações muito prazerosas, tanto para o bebê como para o educador, se forem vividas com calma e tranquilidade. Independentemente do tempo que se tem para cada atividade de cuidado, o importante é que seja um tempo de qualidade, isto é, que a experiência destes ricos momentos de interação e brincadeiras seja permeada de carinho e respeito ao bebê.

Pontos importantes no cuidado com bebês

- Olhar nos seus olhos.
- Informar-lhe o que vai acontecer.
- Dar o tempo necessário para que aproveite a experiência, sem pressa ou afobação.
- Fazer gestos delicados e com dedicação.
- Falar com o bebê sobre o que está acontecendo.
- Nomear o que ele pode estar sentindo.

1.1. Troca



As trocas de fraldas e roupas garantem a higiene do bebê, além de serem momentos extremamente ricos na relação bebê-educador quando não se limitam apenas à função sanitária. Além de substituir (uma fralda por outra, uma roupa por outra), trocar significa **dar e receber** reciprocamente. Por isso, por menor que seja o tempo destinado às trocas, estes momentos devem ser aproveitados ao máximo.

Dizer para o bebê que ele será trocado porque fez cocô e/ou xixi, que sua roupa será tirada porque é hora do banho, que ele vai ganhar uma roupa limpinha para se sentir mais confortável, são formas de ensinar-lhe o que acontece com seu corpo e as respectivas ações sobre ele.

Conforme conversamos com o bebê e manipulamos seu corpo, ele responde com pequenos gestos de satisfação, incômodo e até mesmo colaboração. Ao percebermos que ele reage negativamente a um toque ou a uma forma de manipulação, podemos experimentar outra que lhe seja mais agradável. Nesta **troca respeitosa** entre o que fazemos com o corpo do bebê e suas respostas, conhecemos suas preferências e estreitamos nosso vínculo. Damos-lhes condições dele ser ele mesmo, um bebê singular e não apenas mais um bebê.

No trocador, brincadeiras são muito bem vindas. Se a troca precisa acontecer no meio de uma brincadeira, o bebê pode levar consigo o brinquedo com o qual estava brincando, a não ser que seja grande demais, neste caso, o brinquedo pode ser substituído em comum acordo.

Alguns educadores optam por ter sempre um brinquedinho no trocador para o bebê se distrair. No entanto, enfatizamos que a relação entre o bebê e o educador vale mais do que qualquer brinquedo. Brincar de “achar” o pé ou a mão do bebê ao vesti-lo, de esconder a barriguinha quando fecha os botões do macacão, ou de “Cadê? Achou!” com a roupinha que será colocada ou a toalha que o enxugou, são possibilidades de brincadeiras que fazem da troca um momento lúdico e prazeroso, privilegiando **o brincar e não o brinquedo**.

1.2. Banho



Fonte: <https://goo.gl/iof8xk>

A hora do banho se transforma num gostoso e **relaxante momento** do dia quando, além dos cuidados de higiene, é permitido ao bebê um pouco de diversão. Quando os bebês já conseguem segurar um objeto é interessante que ele tenha ao seu alcance um ou dois brinquedinhos macios, que possam ser levados à boca (os livrinhos de banho são uma boa opção). Para aqueles que já sentam sem apoio, potinhos para encher de água e depois serem esvaziados incrementam a brincadeira, assim como algumas músicas temáticas que podem ser cantadas pelo educador, com ou sem a participação do bebê. No banho, **gestos suaves e delicados**, com palavras que nomeiam as partes que estão sendo lavadas, ajudam o bebê a conhecer e, mais tarde, reconhecer as partes de seu corpo.

O contato com a água, assim como receber o toque no corpo costumam ser agradáveis para os bebês, mas pode ocorrer de alguns chorarem no início, durante ou ao término do banho. Nesses casos é importante tentar observar a causa do seu incômodo, que pode estar relacionada com a pressa do adulto que lhe banha de forma automática, sem lhe dar tempo para brincar, conversar ou mesmo nomear o que está sendo feito com seu corpo. A solução não é dar um banho rápido, mas, ao contrário, oferecer mais tempo para que a criança possa aproveitar esse momento tão rico de troca e contato com o adulto, a água e o próprio corpo. Quando um incômodo é nomeado, ele pode ser eliminado porque ganha sentido e não porque é colocado um fim na ação.

Massagem em bebês

Quando o bebê nasce, ele vivencia seu corpo como se fosse fragmentado, em pedaços. Através da relação com o outro é que ele vai construindo a vivência de integração e os vínculos afetivos. Por isso os cuidados corporais são tão importantes.

Através do **toque delicado e respeitoso**, o bebê tem a sensação de que está sendo acarinhado e acolhido. Ele percebe o contorno de seu corpo, relaxa e sente-se seguro, o que favorece um desenvolvimento com mais confiança e abertura para se relacionar com os outros ao longo da vida.

Embora o toque esteja presente em todas as relações de cuidados com o bebê, é interessante eleger em sua rotina algum momento dedicado à massagem, como os momentos anterior ou posterior ao banho ou durante a troca de fraldas, os quais já pressupõem este contato físico. Outra ocasião interessante é fazer a massagem durante o banho de sol do bebê.

Na situação de acolhimento, que implica um cuidado múltiplo e compartilhado, a preservação destes momentos de intimidade torna-se essencial. O adulto deve “pedir permissão” para tocar o bebê e respeitar seu ritmo, estar atento às **respostas corporais** apresentadas por ele e estabelecer uma comunicação verbal e visual que permitam ao bebê sentir-se seguro e acolhido.

Para qualquer técnica de massagem utilizada, é fundamental que o bebê sinta-se bem enquanto é tocado. Como nem todos aceitam a massagem da mesma forma, e um mesmo bebê pode responder a ela de maneira diferente de acordo com seu estado de espírito ou pessoa que o toca, o mais importante é respeitar o que o corpo do bebê sinaliza quando iniciamos a massagem. Se ele não quiser ser massageado, não há motivo para seguir com a atividade. A massagem deve ser um momento de prazer e não uma obrigação.

Entre as massagens mais recomendadas aos bebês estão o *Toque de Borboleta* e a *Shantala*.

1.3. Sono



Fonte: <https://goo.gl/IjOSPd>

O bebê passa grande parte de seu dia dormindo. No primeiro mês de vida ele dorme em média 17-18 horas por dia, 15 horas no terceiro mês, 14 horas entre o sexto e o décimo segundo, 13 horas entre 1-2 anos e 12 horas entre 2-3 anos. Mesmo que o tempo de sono varie de bebê para bebê, a **quantidade e qualidade do sono** são fundamentais para seu crescimento e desenvolvimento.

Embora dormir seja tão necessário, muitos bebês apresentam dificuldade na passagem do estado de vigília para o sono. Isto geralmente acontece porque, do ponto de psíquico, o bebê deixa de estar acompanhado para estar desacompanhado. Para alguns bebês esta transição implica numa **separação** que é muito angustiante. Por isso ele chora, esperneia, pede colo, gruda na perna do adulto cuidador na tentativa de impedir a separação. Para esses bebês é importante dizer-lhes que eles irão dormir para descansar e informar-lhes onde você estará enquanto eles dormem.

Uma maneira de ajudar nessa transição é sinalizar quando a hora de dormir se aproxima, através de um banho, diminuindo a luz do ambiente, lendo um livro ou cantando uma música. Com estes rituais, antecipamos ao bebê o que está por vir, dando-lhe a chance dele se preparar para a separação. Um colinho ou cafuné, além de gostoso, ajuda a tranquilizar o bebê, especialmente quando acompanhados de **palavras que nomeiam o que está acontecendo**.

Quando um bebê se recusa ou tem dificuldade em adormecer ou permanecer dormindo sem a presença de um adulto ao seu lado, é importante que este não se sinta aflito com seu choro, com o incessante pedido de colo ou com outros comportamentos manifestos, pois o bebê percebe sua aflição e é afetado por ela, aumentando sua **insegurança**. Algumas vezes é necessário dar colo ao bebê. Outras vezes, basta ir até seu berço e, sem tirá-lo de lá, falar-lhe que ele não está sozinho e que pode dormir ou voltar a dormir porque você está lá com ele ou perto dele, em outro cômodo, por exemplo.

Um bebê que chega ao serviço de acolhimento pode requerer mais atenção durante a noite, já que passou por uma experiência de ruptura e encontra-se em um lugar novo, no qual não conhece

as pessoas e, portanto, está mais inseguro. Independentemente de sua idade é essencial que um educador possa **estar por perto** e acolhê-lo, caso apresente dificuldade para adormecer ou desperte chorando.

Vale dizer que um bebê desenvolve a capacidade de estar só apenas se tiver alguém que responda adequadamente às suas necessidades e dentro de um tempo em que ele seja capaz de suportar a espera. É por isso que, em geral, há sempre um adulto devotado aos cuidados do recém-nascido, tentando traduzir o que ele sente através de cuidados – troca, colo, alimentação, etc. Se este cuidado não vai de encontro ao que o bebê precisa, dentro do tempo que ele aguenta suportar, seu desenvolvimento fica prejudicado. Como resultado, o bebê, muitas vezes, acaba precisando do corpo do adulto cuidador (colo, mão dada) para sentir-se seguro. A **segurança** é construída gradualmente na relação do bebê com o adulto cuidador, através da constância das ações de cuidados. Por isso a previsibilidade do que vai acontecer e a resposta às demandas do bebê são tão importantes para que ele se sinta seguro e se constitua enquanto sujeito.

Para não ficar colado no corpo do adulto cuidador, além de ir dando sentido para as demandas do bebê através de palavras e ações, podemos oferecer-lhe algo que substitua a presença física do adulto. Um bichinho de pelúcia ou um paninho¹ podem ser oferecidos nos momentos de transição entre a presença-ausência do adulto cuidador. No entanto, eles só terão validade enquanto substituto se, na presença do educador, ele encontrar segurança.

Por fim, gostaríamos de lembrar que o **berço** pode ser um bom lugar para o bebê brincar quando acorda. No entanto, quando acordado, é importante que ele possa estar em outros ambientes da casa.

1.4. Alimentação



Fonte: <https://goo.gl/BL4yQE>

¹ Ver mais informações sobre objetos pessoais no capítulo VII – Rituais com bebês. (ALENCAR, 2011)

A alimentação é mais um **momento de interação** do bebê com seu cuidador e o mundo. Através dela ele aguça seu paladar e olfato, pode explorar o que lhe é oferecido e tem mais uma oportunidade para estreitar as relações de afeto e cultivar vínculos sociais.

A maneira como o bebê recebe o alimento e participa das refeições terá influência em seu prazer na alimentação e na relação que estabelece com o alimento. Logo, precisamos cuidar para que este momento possa ser vivido de forma prazerosa e tranquila.

- As refeições devem ocorrer sempre no mesmo horário e lugar, preferencialmente no refeitório, copa ou cozinha, sem a presença de estímulos que tirem o foco da alimentação – por exemplo, TV ligada ou interrupções desnecessárias.
- Os bebês estão sendo apresentados aos alimentos, o que faz esse momento ser tão privilegiado e mágico. Pratos coloridos, saborosos, variados e atrativos facilitam a alimentação e reforçam a importância deste momento.
- Comida tem cheiro, cor, textura, sabor e, às vezes, forma definida, o que a torna um prato cheio para as experimentações. Por isso, deixe o bebê manipular e cheirar a comida. As crianças adoram fazer essas experimentações, que são importantes tanto no que se refere às descobertas sobre o mundo quanto ao prazer pelas refeições. Sugerimos que a rotina seja pensada de forma que o banho não seja imediatamente antes das refeições, para que as crianças possam fazer suas experimentações e brincadeiras. **Sujar-se faz parte de todo aprendizado e crescimento!**
- Observe a quantidade de comida que é colocada em cada colherada e dê tempo para que a criança saboreie o alimento antes da próxima colherada. Respeite o ritmo de cada uma, assim como a quantidade que comem nas refeições. Quando ela não quiser mais comer, não insista. A alimentação deve ser um momento agradável e não uma obrigação.
- Durante as refeições, o bebê precisa da presença de um educador que lhe dê atenção, respeite seu ritmo e explorações. Isso significa que este momento não pode se transformar numa atividade mecânica de “enfiar comida goela abaix” ou uma atividade em que as colheradas são dadas em série. Lembre-se: os bebês têm necessidade de **atenção individualizada** e de **troca afetiva**, experiências que acontecem também nos momentos em que são alimentadas.

O uso da TV no cotidiano dos bebês

A televisão e os demais aparelhos eletrônicos – DVD, computador, telefone celular, brinquedos com chip – geralmente são apresentados ao bebê como meios de entretenimento e aprendizagem. Não é à toa que atualmente existe uma enorme oferta de desenhos, filmes, programas e brinquedos ditos interativos.

De uma forma ou de outra, o bebê acaba respondendo aos estímulos das telas. Fissurados pelas cores e movimentos, ficam em silêncio, cantam, dançam, repetem o que ouvem, mas de um jeito totalmente passivo. O bebê é entretido ao invés de se entreter, se relaciona com um eletrônico ao invés de se relacionar consigo mesmo ou com outra pessoa.

Temporariamente, a TV pode parecer um excelente cuidador. Através dela o bebê se diverte, encontra companhia e até mesmo certo consolo. Mas, os aparelhos eletrônicos abolem o que deveria acontecer naturalmente: entreter a partir dos próprios recursos, permitindo aprender através da exploração, investigação, experimentação e relação com o outro. Por esta razão, a TV e similares acabam afastando o bebê do brincar criativo, tão fundamental para o desenvolvimento global do ser humano.

Então, fica a dica: *cuidado e moderação no uso da televisão e similares com as crianças!*

2. REGISTROS NO COTIDIANO DO SERVIÇO DE ACOLHIMENTO

Nos serviços de acolhimento, uma das formas de garantir a constância dos cuidados com o bebê são os registros diários sobre a rotina dos pequenos. Não há um padrão sobre como estes registros devem ser feitos. Algumas casas fazem uso de um “Diário de rotina”, outras fazem “Livros de ocorrência” e têm aquelas em que cada bebê tem sua “Caderneta”. Cada lugar encontra sua ferramenta e seu jeito de fazê-los, o que permite aos educadores inovar e criar suas próprias ferramentas na hora de fazer os registros. Dessa maneira respeita-se a singularidade de cada equipe, educador e bebê. Com a importante função de troca de informação entre os profissionais que trabalham na casa, o registro se configura como mais um **meio de comunicação** entre a equipe e possibilita que detalhes do dia a dia sejam transmitidos a todos, mantendo um diálogo constante, tão necessário para a realização e sustentação do trabalho. É importante, no entanto, que os livros ou as cadernetas não sejam a única forma de troca entre educadores e técnicos dos serviços. Durante a **passagem de plantão**, é preciso que o serviço se organize de modo que haja tempo para os educadores transmitirem as informações para o turno seguinte e as reuniões de equipe são fundamentais para a reflexão, troca de informações e experiências e alinhamento de condutas.



Além de auxiliar na **circulação da palavra** entre os diversos profissionais de um mesmo serviço, o registro tem também o papel de **testemunhar e relatar** o período de acolhimento. O educador tem muito a dizer sobre cada bebê, pois convive com ele quase todos os dias, conhece suas particularidades e acompanha seu crescimento. O dia em que nasceu o primeiro dente de João ou o dia em que a cozinheira fez uma papinha nova que a Bebel gostou muito são exemplos de pequenas e importantes vivências que tornam única a história de cada bebê, merecendo, portanto, o registro.

Desta maneira, podemos entender que um bom registro não é apenas colher as informações necessárias para completar o “Diário”, mas também um momento de **documentar as experiências** vividas por cada um dos bebês. O interessante é que para além de dados objetivos como quantidade de mamadeiras que cada um tomou, a que horas dormiu, se teve febre ou não, o educador possa registrar outras coisas como momentos importantes vividos pelo bebê no cotidiano. Por exemplo: saber que a Maria dormiu às 22 horas é muito diferente de saber que ela chorou muito para dormir e que o educador da noite precisou niná-la no colo para que ela pegasse no sono; que o Renato adora dormir com seu paninho no rosto; que o Marcelo já está sentando sozinho e brincou bastante com os outros bebês naquele dia; que a Ana adorou comer maçã, fez careta nas primeiras colheradas, mas depois gostou muito. Um bom registro, com detalhes sobre a **rotina de cada bebê**, favorece um olhar mais particularizado a cada criança e facilita a **construção de um vínculo de qualidade** com os educadores.

O ato de registrar nem sempre é fácil, especialmente no meio de tantos afazeres. Nesse sentido, os registros não podem se tornar uma burocracia, mas uma atividade a ser realizada, virando uma obrigação, pois se assim for, perde-se a dimensão de sua importância. Cabe aos técnicos dos serviços valorizar os momentos de troca de informações, registros e reuniões de equipe, cuidando para que esses espaços ocupem um lugar de destaque na rotina institucional.

O livre acesso aos prontuários

Ainda vemos em muitos serviços de acolhimento educadores que não têm acesso aos prontuários das crianças e adolescentes. Algumas equipes se justificam dizendo que os educadores farão um mau uso das informações. No entanto é papel da equipe técnica formar sua equipe de educadores para que esta possa **trabalhar com as histórias de vida de maneira respeitosa, ética e profissional**. Isso implica momentos de formação e reflexão com todos da casa. Quando trabalhamos com bebês, como também com crianças e adolescentes, o conhecimento de suas histórias é essencial para que entendamos alguns comportamentos que a princípio podem nos parecer enigmáticos. Os dados de suas histórias possibilitam uma melhor compreensão da criança por parte do educador, que poderá agir de maneira mais consistente e consciente. No caso dos bebês, que ainda não falam, o conhecimento da história é fundamental para decodificar seus comportamentos e sinais de sofrimento.

3. RITUAIS COM OS BEBÊS

“ (...) todo aquele que cuida de uma criança deve conhecê-la e trabalhar com base numa relação viva e pessoal com o objeto de seus cuidados, e não aplicando mecanicamente um conhecimento teórico. Basta estarmos sempre presentes, e sermos coerentemente iguais a nós mesmos, para proporcionarmos uma estabilidade que não é rígida, mas viva e humana, com a qual o bebê já pode sentir-se seguro. É em relação a isso que o bebê cresce, e é isso que ele absorve e copia.”

Donald W. Winnicott²

3.1. Objetos pessoais

Muitos objetos falam de seus donos. Alguns, pelo que representam. Outros, porque os identificam sem que tenham que dizer uma palavra. Com os bebês não é diferente, seus objetos contam suas preferências, vivências e origem: a pulseirinha de identificação da maternidade, a primeira roupinha, o boneco do berço, um retrato de família, o pratinho das refeições, o gorro da cor de seus olhos e tantos outros que dizem respeito à sua história.

Embora existam objetos compartilhados nos serviços de acolhimento, é importante que cada bebê possa ter objetos pessoais, como roupas, brinquedos, um travesseiro, uma bolsinha ou uma caixa para guardar seus pertences. Tais objetos **diferenciam e individualizam** cada um, marcando-o enquanto ser único, que faz escolhas e tem preferências individuais.

Sempre que possível, é interessante verificar com a família de origem ou com a instituição que o acolheu anteriormente se existe algum objeto que possa acompanhar o bebê no novo lar. Da mesma forma, é recomendável que em sua saída do serviço ele leve consigo objetos que façam parte de sua história, tanto do período em que foi acolhido, quanto do período anterior ao acolhimento (quando há). Ao portar seus próprios objetos, o bebê “conta” um pouco de si para o adulto que cuida dele, além de ter uma sensação de continuidade e de estar mais “inteiro”, favorecendo sua integração e adaptação ao novo ambiente.

² Donald Woods Winnicott foi um pediatra e psicanalista inglês. (WINNICOTT, 2001)

3.2. Palavras que antecipam o cuidado e nomeiam o choro e outras manifestações

Para o bebê começar a falar é necessário que primeiramente um adulto fale com ele. Assim, durante os momentos de cuidado com o bebê, mesmo quando ele ainda é recém-nascido, o adulto conversa com ele, nomeia seus gestos e “tenta adivinhar” o que ele sente: “Léo, vamos tomar um banho gostoso?”; “Marina, parece que você está gostando desse leitinho!”; “Ai que dor horrível, né, Brenda?!”. Tudo isso pode parecer uma loucura, mas é a partir das falas que o adulto dirige-se ao bebê que este começa a aprender os sons das palavras e, mais adiante emite vocalizações, que depois, ao longo de seu desenvolvimento, se transformam em suas primeiras palavras. **É na relação com adultos e outras crianças, que um bebê constrói seu repertório e torna-se um indivíduo falante como todos nós.**

Além de inseri-los no contexto social e ensinar-lhes a se comunicar pelas palavras, falar com os bebês tem outra função importante: fortalecer o vínculo entre ele e o adulto cuidador. Escutar uma voz conhecida o acalma e à medida que o adulto antecipa os cuidados que o bebê solicita através de seu choro ou de outras manifestações, dizendo, por exemplo, “Espere um pouquinho, eu já vou te dar a mamadeira”, o bebê começa a perceber a aproximação dos cuidados e espera com a certeza de que será atendido. Esta certeza que o faz parar de chorar é sustentada pelo vínculo e pela confiança que construiu na relação com quem o cuida.

Assim, **falar com o bebê** desde a sua chegada ao mundo – seja no ambiente familiar, seja no serviço de acolhimento – durante as trocas, mamadas, alimentação, banho e brincadeiras é considerá-lo um sujeito. É acreditar em seu potencial de entender o que estamos falando, apostar que **ele tem algo a nos dizer** e, a partir daí, estabelecer um diálogo com ele que auxilia em seu processo de desenvolvimento físico e psíquico.

Leitura para bebês

Assim como falamos com os bebês antes deles falarem, devemos ler para os bebês antes deles aprenderem a ler, mesmo os bem pequenininhos. A leitura estreita o **laço entre o bebê e o leitor**, além de permitir a aprendizagem e exploração dos sons, palavras, cores, formas, texturas, sensações e emoções.

Através da leitura, o bebê amplia seu vocabulário e estimula sua memória, sua capacidade de observação, de descoberta e imitação, beneficiando diretamente o **desenvolvimento da fala e a interação** com o mundo a sua volta. O bebê se interessa pela variação da voz do leitor, pelo movimento de virar as páginas, pelo contato físico e sensorial com os livros. Por isso, os livros para bebês devem estar ao seu alcance e ser simples, atraentes, coloridos, macios e resistentes.

Além dos momentos em que o educador lê para o bebê, é importante que haja momentos em que o bebê possa explorar livremente os livros como um objeto a mais de seu cotidiano, de interação e brincadeira. É preciso cuidado apenas com aqueles frágeis e que contêm imagens que saltam das páginas; por rasgarem facilmente, estes livros precisam da mediação do adulto para sua leitura (e eventual reparo). Os bebês não nascem sabendo cuidar dos livros e cabe ao educador ensiná-los nesse cuidado.

3.3. A linguagem dos bebês

Os bebês não se comunicam apenas falando. Eles também fazem gestos, caretas, sorriem, choram, gritam, esperneiam, preparam seu corpo para receber colo, para trocar de roupa, entre outras manifestações. Por isso, é fundamental que o adulto demonstre interesse naquilo que o bebê conta por meio dessas **formas de comunicar** e interprete e confira sentidos para elas. Quando o adulto dá colo ao bebê, o aquece, o alimenta e fala com ele, atribuindo nomes, sentidos e significados às suas produções, ajuda-o a compreender cada sensação. No entanto, quando essa atenção não é possível imediatamente à comunicação do bebê, uma forma de acalmá-lo é **fazer-se presente por meio da fala**. Vejamos um exemplo relatado por uma educadora de um serviço de acolhimento:

“Aninha chegou muito bem cuidada, sem nenhuma assadura e gordinha. Mas como chora muito, acho que sente falta de quem cuidava dela. Parece que a mãe saía durante a noite e ela chorava sozinha por horas; por isso a denúncia de vizinhos ao Conselho Tutelar. Percebo que ela precisa me ver o tempo todo, senão começa a berrar e depois fica muito difícil acalmá-la. Então, quando vou trocar outro bebê tomo o cuidado para ficar em um lugar onde ela me veja, ou se ela não puder me ver, fico falando com ela para que saiba que eu estou ali.”

As manifestações dos bebês dizem muita coisa ao adulto cuidador que estiver atento a ele. No entanto, nem sempre é fácil entender o que alguns sinais do bebê significam. A discussão de caso em equipe, como já foi colocado, é uma ótima estratégia para que os profissionais possam **supor sentidos àquilo que as crianças manifestam** e assim pensar conjuntamente condutas a serem realizadas no cotidiano junto a cada bebê.

3.4. Manifestações que expressam sofrimento do bebê

O **choro** é a primeira comunicação importante do bebê e serve tanto para ele se aliviar nos momentos de angústia, quanto para comunicar algo a seus cuidadores. Para se compreender o sentido do choro do bebê é fundamental que o adulto o leve a sério, atenda-o e tente entender o que ele está precisando. Ou seja, é necessário que o adulto tome o choro como um *chamado*, atribuindo-lhe sentido (“Deve ser fome”; “Será que você está com cólica?”; “Acho que você está com sono”) e ofereça objetos (tais como mamadeira, chupeta, paninho) ou condições ambientais (colo, redução de estímulos, um banho relaxante) que satisfaçam o bebê.

Às vezes, o choro que não passa pode ser uma forma de o bebê **descarregar tensão e buscar alívio**. Ele pode até adormecer depois de chorar muito. Em algumas situações o choro pode ser um sinal de que **algo não vai bem**, apontando para algum tipo de **sofrimento do bebê**.

Outras formas do bebê comunicar que algo não vai bem se manifestam tanto por meio de sinais ditos “barulhentos”, que chamam a atenção do adulto, como de alergias, dificuldades respiratórias, infecções recorrentes, problemas digestivos, distúrbios de alimentação e sono, doenças de pele, retardamento motor, enurese (fazer xixi na roupa), agressividade, irritabilidade e oscilação de humor. Há também sinais que remetem a um “silêncio” no seu desenvolvimento, que podem ser percebidos nos bebês que dormem demais, não choram, são muito quietos e não solicitam atenção, mesmo quando estão com fome, frio ou necessitam trocar suas roupas molhadas. No contexto coletivo do serviço de acolhimento esses sinais “silenciosos” podem ser confundidos como uma boa adaptação por parte do bebê que não demanda atenção. Mas deve-se estar atento, pois eles podem sugerir sofrimento do bebê e, em alguns casos, estar relacionados a uma percepção precoce do bebê de que não há um **adulto disponível** para ele (por isso, desiste de chamar a atenção).

Vale enfatizar a importância de que os sinais de sofrimento do bebê sejam sempre analisados e compreendidos a partir da **história singular de cada um**. Não há regra e não se deve fazer suposições descontextualizadas em relação aos comportamentos das crianças. Há bebês, por exemplo, que podem esperar mais tempo para serem atendidos do que outros, sem que essa espera se configure como algo traumático. Por outro lado, há bebês que precisam de uma presença mais constante do educador e a falta dessa presença pode ser muito desorganizadora, como no exemplo de Aninha. Dessa forma, o olhar singular para cada criança, o conhecimento da história e a possibilidade de refletir em equipe sobre cada caso são fundamentais.

Outros sinais de sofrimento:

- **Alimentação** – A hora da alimentação é um momento privilegiado de relação e troca. Quando um bebê deixa-se alimentar passivamente, sem apetite e sem prazer, não importando quem o alimenta, isso pode indicar sua indiferença no contato e, portanto, uma dificuldade em criar vínculos, tão essenciais para o desenvolvimento humano.
- **Sono e silêncio** – Atenção para os bebês muito quietos ou que dormem demasiadamente. Dormir em excesso pode ser uma alternativa para se proteger de algum sofrimento. Lembramos que os bebês, principalmente os recém-nascidos, precisam dormir muitas horas por dia para garantir seu desenvolvimento, mas o que queremos salientar aqui é que, em alguns casos, é importante ter cuidado para não confundir um bebê muito quietinho com uma boa adaptação. Portanto, se a “calma” de um bebê chamar atenção, é interessante que se discuta isso em equipe para compartilhar as impressões com os colegas e ouvir suas observações. Cada bebê tem seu ritmo e alguns podem precisar dormir mais que outros,

sem que isso signifique algo mais sério. Por isso, é importante observar outros comportamentos: se o bebê é receptivo aos cuidados, se chora quando se sente incomodado e se acalma quando atendido, se emite vocalizações e se prende atenção quando falam ou brincam com ele. Há de se estar atento também aos bebês que ficam acordados por longos períodos em seus berços sem se incomodar, chorar ou brincar.

- **Balanceios** – Os balanceios (movimento com o corpo para frente e para trás ou de um lado para o outro) quando muito frequentes podem indicar sinal de sofrimento. É importante observar quando e como acontecem. O educador atento poderá compreender, junto com sua equipe, o que se passa com a criança e assim traçar estratégias de ação para ajudá-la.

No próximo módulo, iremos aprofundar na questão do trabalho com as histórias de vida do bebês, com suas famílias e apresentar a modalidade de acolhimento familiar, prevista no Estatuto da Criança e do Adolescente como prioritária para a primeira infância. Até lá!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, Roberta (coord). **O acolhimento de bebês:** práticas e reflexões compartilhadas.

Instituto Fazendo História. São Paulo, 2011 Disponível em:

<<http://www.fazendohistoria.org.br/publicacoes/>>. Acesso em 24/03/2017

ELIACHEFF, Caroline; GOLDFEDER, Sonia. **Corpos que gritam:** a psicanálise com bebês. Editora Ática, 1995.

WINNICOTT, Donald Woods; CIPOLLA, Marcelo Brandão. **A família e o desenvolvimento individual.** Martins Fontes, 2001.